



A Rússia pode anexar um pedaço da Ucrânia?

INTERNACIONAL



A13

● A Guerra de Putin



CHRISTIAN BRUNA/EPA/EFE

Príncipe Abdulaziz bin Salman Al Saud (C), ministro de Energia da Arábia Saudita, em reunião da Opep; corte maior do que o esperado

Opep corta produção de petróleo e afeta preços; EUA reagem

— Medida deve aumentar receitas obtidas pela Rússia e financiar esforço de guerra na Ucrânia

WASHINGTON

A coalizão de países produtores de petróleo, liderada pela Rússia e Arábia Saudita, anunciou ontem um corte na produção de 2 milhões de barris por dia, o que deve pressionar os preços dos combustíveis, a inflação e prejudicar a ajuda ocidental à Ucrânia. A decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep)

provocou uma reação indignada da Casa Branca, que acusou o grupo de ajudar a Rússia.

Autoridades do governo de Joe Biden lançaram uma forte campanha para pressionar a Arábia Saudita a produzir mais para compensar a escassez global causada pela invasão da Ucrânia. O presidente americano visitou pessoalmente os líderes sauditas em Jeddah. Mas o governo saudita ignorou os apelos, deixando a Casa Bran-

ca furiosa.

A Rússia se beneficia do corte, porque a produção mais baixa aumentará o preço do petróleo, ajudando Moscou a financiar seu esforço de guerra na Ucrânia. A decisão da Opep colocará mais pressão sobre a determinação da Europa de apoiar os ucranianos diante da perspectiva de uma forte desaceleração do crescimento econômico no continente.

Os consumidores america-

nos também sofrerão o impacto da gasolina mais cara às portas das eleições legislativas de meio de mandato, em novembro – o que poderia afetar o desempenho dos candidatos democratas.

INFLUÊNCIA. É a primeira vez que a Opep corta a produção de petróleo desde o início da pandemia. A medida é mais agressiva do que muitos analistas esperavam. O grupo diz que a redução será colocada em prática a partir de novembro. Em comunicado, os produtores alegaram que a medida é necessária para estabilizar a recente queda nos preços globais.

“O presidente Biden está desapontado com a decisão míope da Opep de cortar as cotas de produção enquanto a economia global está lidando com o impacto negativo contínuo da invasão da Ucrânia”, disse o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan.

Segundo ele, o governo americano consultará o Congresso sobre a adoção de novos meca-

nismos “para reduzir o controle da Opep sobre os preços da energia”, sugerindo que os EUA podem revogar a isenção de uma lei antitruste que favorece a organização. A medida pode provocar uma forte reação da Arábia Saudita e de seus aliados, dizem analistas.

PRESSÃO. A decisão de cortar a produção reflete a atual crise diplomática entre Washington e Riad, que se agravou após o assassinato de Jamal Khashoggi, jornalista saudita do *Washington Post*, espartilhado dentro do Consulado da Arábia Saudita em Istambul, em 2018. Os americanos responsabilizam o príncipe herdeiro, Mohamed bin Salman, pelo crime.

No início de seu governo, Biden havia prometido tornar o reino saudita um pária internacional, mas voltou atrás diante da necessidade de conter o preço dos combustíveis.

Horas antes, a União Europeia chegou a um acordo para adotar um novo pacote de sanções contra a Rússia, visando limitar a receita do petróleo russo, em resposta à anexação de quatro regiões da Ucrânia.

Entre as medidas está a imposição de um teto ao preço do petróleo russo e um embargo à maioria dos derivados importados da Rússia, o que forçaria Moscou a baixar os preços para encontrar novos clientes. A decisão de ontem da Opep, no entanto, deve anular os efeitos das novas sanções europeias.

DIPLOMACIA. A Rússia depende das vendas de gás e petróleo para seu orçamento e pressionou pelo corte de produção, o que permitirá a Moscou vender petróleo a preços mais altos no mercado global, garantindo mais receita para a guerra. O chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, estima que os russos recebam US\$ 1 bilhão em receitas por dia com a venda de petróleo. ● WP e NYT

Putin admite gravidade de reveses russos na Ucrânia

MOSCOW

O presidente russo, Vladimir Putin, indiretamente admitiu a gravidade dos reveses militares que a Rússia vem sofrendo na Ucrânia ao declarar que Moscou “estabilizará” a situação em quatro regiões ucranianas cuja anexação ele formalizou ontem.

A Rússia sofreu perdas significativas em duas das quatro regiões desde sexta-feira, quando Putin anunciou sua anexação. Com a Ucrânia avançando no leste e no sul, as tropas rus-

sas estão recuando sob pressão em ambas as frentes, confrontadas por forças ucranianas mais ágeis e equipadas com sistemas de artilharia avançados fornecidos pelo Ocidente.

Putin fez as declarações em meio a comentários cada vez mais sombrios de correspondentes de guerra russos sobre a gravidade da situação, com a retirada em larga escala da região de Kharkiv, a perda da cidade estratégica de Liman e os avanços ucranianos na região de Kherson. Ainda ontem, o presidente ucraniano, Volod-

mir Zelenski, anunciou que as tropas ucranianas recuperaram mais três cidades na região de Kherson.

REFORÇO. Putin – que ontem firmou um decreto oficializando a apropriação da usina nuclear de Zaporizhzhia – está apostando que o envio de mais soldados convocados recentemente pode mudar a dinâmica no campo de batalha na Ucrânia, mas analistas dizem que ele está perdendo tempo, pois sua operação militar sucumbe cada vez mais aos avanços ucranianos e dá

siniais de que precisará de mais do que apenas efetivos militares para recuperar terreno no curto prazo.

Putin desviou a atenção do cenário sombrio no campo de batalha nos últimos dias orquestrando referendos, declarando anexações e fazendo ameaças nucleares – tudo parte de uma tentativa de congelar os ganhos territoriais russos acumulados desde fevereiro, que estão se desfazendo a cada dia, segundo analistas.

No entanto, essas maquinacões políticas foram incapazes

de mascarar a realidade na Ucrânia: as forças russas estão sitiadas e mal gerenciadas – e, no futuro imediato, pode não haver nenhuma carta na manga para reverter a situação.

DESAFIO. O impacto dos novos soldados dependerá de treinamento e organização. “Putin terá de se concentrar primeiro em restaurar a capacidade básica de combate de um Exército com unidades esgotadas, que precisam ser reequipadas, o que é difícil”, disse Frederick Kagan, membro do American Enterprise Institute. ● WP e AFP